

Entre a fé e a liberdade, o risco: análise teológica de um apelo

Between faith and freedom, the risk: a theological analysis of an appeal

Sérgio Albuquerque Damiano

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio, Brasil

Resumo

O artigo procura refletir sobre o conceito de risco e sua incidência para a reflexão teológica e, por conseguinte, para a vivência da fé cristã. Estipula, assim, a vinculação que existe entre a dinâmica do risco, a resposta da fé e a liberdade humana. Para fundamentar essa reflexão, analisa o conceito de risco a partir de sua dimensão sociológica, como possibilidade de abertura ao futuro e aos aspectos não aprisionáveis da existência. Partindo desta análise, apresenta os prováveis desdobramentos que alcançam e interpelam a experiência de fé, em seu mistério e seu apelo ao risco da liberdade humana, sua relação com a imagem de Deus e à configuração eclesial. Desse modo, desdobra o risco da fé como convite à aventura da vida e ao abandono das seguranças ordinárias.

Abstract

The paper seeks to reflect on the concept of risk and its impact on theological reflection and, therefore, on living the Christian faith. Thus, it stipulates the link that exists between the dynamics of risk, the response of faith, and human freedom. To support this reflection, the concept of risk is analyzed from its sociological dimension as a possibility of opening to the future and to non-imprisoning aspects of existence. After this analysis, the probable developments that are reached and that challenge the experience of faith are presented in its mystery and its appeal to the risk of human freedom, its relationship with the image of God and with the ecclesial configuration. In this way, the risk of faith unfolds as an invitation to the adventure of life and the abandonment of ordinary security.

Palavras-chave

Deus.
Eclesiologia.
Segurança.
Aventura.

Keywords

God.
Ecclesiology.
Security.
Adventure.

Introdução

É necessário deixar bem claro, nesta tentativa de estabelecer uma reflexão acerca do risco dentro do horizonte existencial teológico, que esse risco não tem aqui a conotação comum de perigo ou possibilidade de perigo. Assumimos, em diferentes esferas, a acepção que lhe atribuí interpretações a partir de uma perspectiva que tem diante si nossa total falta de controle das situações e nossas incertezas perante a vida - o que pode ser lido como risco-aventura.

Essa tentativa busca apreender, a partir deste conceito, a dimensão misteriosa da vida e seu influxo para a percepção teológica naquilo que concerne sua expressividade usual. Tentaremos estipular, no interior de determinado universo interpretativo, que a fé cristã insere o humano numa dinâmica que pressupõe a abertura constante ao novo e ao desconhecido. Este dinamismo, por diversos motivos, parece, muitas vezes, ignorado quando verificamos as certezas herméticas que acompanham as prédicas eclesiais contemporâneas e suas manifestações mais histriônicas.

Por isso, apesar de reconhecer o risco de um artigo sobre o risco - desculpe-se a tautologia, aqui irresistível - é preciso salientar sua presença prática na caminhada histórica, seja a partir do universo bíblico-teológico, seja da experiência eclesial. Apesar de não nos determos em analisar com profundidade os personagens que iremos indicar, citamos alguns exemplos que corroboram, através de uma perspectiva cristã, esta afirmação: Abraão, Judite, Paulo, Francisco de Assis, Inácio de Loyola, Lutero, Martin Luther King Jr., Irmã Dulce. O(a) leitor(a), certamente, acrescentará outros exemplos que, impulsionados por sua experiência de fé, suscitam reflexões a partir das incertezas que precisaram atravessar.

Ao utilizar o conceito de risco, queremos acenar para aquilo que entendemos atravessar a fé cristã em sua dimensão existencial e exigência de liberdade. Ou seja, vislumbrar que, apesar dos limites que insistentemente estabelecemos para esta experiência, ela não deixa de interpelar-nos ao

desvelar, de maneira desconcertante, um horizonte que nos impele ao abandono das certezas ordinárias¹.

O conceito de risco: aspectos sociológicos

A caminhada humana sempre foi permeada por diversos tipos de riscos, sejam eles voluntários e frutos de determinada maneira de viver, ou decorrentes de contextos externos e fora de seu controle, como, por exemplo, as catástrofes naturais. Contudo, esses eventos, conforme nos demonstra M. J. Spink, não eram denominados riscos, mas “perigos, fatalidades, *hazards* ou dificuldades, mesmo porque a palavra risco não estava disponível nos léxicos das línguas indo-europeias”². Para a autora, o conceito de risco emerge no ambiente da pré-modernidade e se fortalece durante a transição da sociedade feudal para as novas formas de territorialidades e que deram origem aos estados-nação³. Seu surgimento busca apresentar a possibilidade de acontecimentos vindouros e, nesta apresentação, estabelecer um futuro passível de controle. Não há muitas certezas sobre sua etimologia⁴, mas é suposto que sua origem se situa no âmbito da navegação marítima, durante o século XIV⁵, e esteja vinculada aos perigos representados pelos penhascos submersos sob os mares, que ameaçavam cortar os navios e colocavam em constante perigo seus tripulantes⁶. Talvez daí derive sua utilização na contemporaneidade como possibilidade, mas não como evidência imediata⁷.

No contexto da modernidade, o risco irá se tornar um conceito fundamental. De acordo com Bernstein: “A ideia revolucionária que define a fronteira entre os modernos e o passado é o domínio do risco: a noção de que

¹ GESCHÉ, Adolphe; SCOLA, Paul. *La Foi das le temps du risque*. Paris: Cerf, 1997, p.138.

² SPINK, Mary Jane P. Tópicos do discurso sobre o risco: risco-aventura como metáfora na modernidade. Rio de Janeiro: *Cadernos Saúde Pública*, v. 17, n. 6, p.1277-1311, nov/dez, 2001, p. 1279.

³ SPINK, 2001, p. 1279.

⁴ SPINK, 2001, p. 1279.

⁵ SPINK, 2001, p. 1279.

⁶ GUZZO, Marina. Riscos da beleza e desejos de um corpo arquitetado. *Revista Brasileira de Ciência do Esporte*, v.27, n.1, p.139-152, set 2005, p. 142.

⁷ GUZZO, 2005, p. 143.

o futuro é mais do que um capricho dos deuses e de que homens e mulheres não são passivos ante a natureza”⁸. Tal transposição é um dos fatores que possibilitaram o crescimento econômico, a melhoria da qualidade de vida e o progresso tecnológico. Afinal, ao definir um processo racional para o enfrentamento dos riscos, tornou-se possível fornecer o subsídio necessário para impelir “as ciências e as empresas no mundo da velocidade, do poder, das comunicações instantâneas e das finanças complexas, típicos de nossa própria época”⁹.

Outro ponto importante destacado pelo autor para a sedimentação de tal conceito foi o surgimento do Renascimento e da Reforma Protestante¹⁰. O rompimento com a estrutura religiosa que sedimentava as formas de ser e viver e fornecia as respostas para as imprevisibilidades existenciais, nos campos históricos e socioculturais, alertou as pessoas para a necessidade de assumirem as consequências de suas próprias decisões¹¹. De acordo com Bernstein, se os homens e as mulheres não estavam mais submetidos às divindades impessoais e ao acaso aleatório, não tinham outra escolha senão começar a tomar decisões a respeito de um espectro bem mais amplo de circunstâncias, e acerca de períodos de tempo bem mais extensos do que em qualquer época anterior¹². “Com essa abertura de opções e decisões, reconheceu-se gradualmente que o futuro oferecia oportunidades, além de perigos, que era ilimitado e cheio de promessas”¹³.

Em linhas gerais, o risco passou a significar a probabilidade de que um evento possa ocorrer ou não. Esse significado será combinado com o alcance dos prejuízos e dos ganhos envolvidos pela ação realizada. Este contexto serviu para estabelecer a relação do risco com conceitos que também expressam o sentido de incerteza diante dos resultados almejados: sorte, fortuna, azar e chance¹⁴. Emerge, assim, carregado de uma ambiguidade que

⁸ BERNSTEIN, Peter L. *Desafio aos deuses: a fascinante história do risco*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 15.

⁹ BERNSTEIN, 1997, p. 16.

¹⁰ BERNSTEIN, 1997, p. 20.

¹¹ BERNSTEIN, 1997, p. 20.

¹² BERNSTEIN, 1997, p. 20.

¹³ BERNSTEIN, 1997, p. 20.

¹⁴ GUZZO, 2005, p. 139.

se situa entre o possível e o presumível e entre a positividade e a negatividade.

No nível estrutural, a influência do conceito de risco será percebida na gestão da sociedade estabelecida pelos governantes¹⁵. Com o surgimento da probabilidade de previsão dos possíveis processos e resultados, acompanhamos uma mudança de perspectiva sociocultural: o centro da consciência do risco não está mais no presente, mas no futuro¹⁶. O passado perde espaço e em seu lugar nos deparamos com algo que não existe. Ou seja, hoje tomamos as precauções preventivas contra os riscos e as possíveis crises de amanhã. Estas condições são os pilares daquilo que Ulrich Beck denominou de sociedade do risco¹⁷. Esse termo visa pontuar a complexidade dos riscos modernos e a percepção de que, por sua ordem sistêmica e imponderável, é necessário estabelecer novas maneiras de gestão das populações¹⁸.

Beck indica que, devido à desigualdade social existente, a gestão dos riscos possíveis e sua distribuição na sociedade, assim como a riqueza, atingem os estratos sociais de maneiras diferentes. Se, por sua vez, a riqueza se acumula no topo das estruturas sociais, os riscos alcançam com maior força e facilidade sua parte inferior. Neste sentido, as decisões assumidas nas gestões sociais potencializam e confirmam, através do risco estabelecido, as desigualdades existentes. Ou seja: “A pobreza atrai uma infeliz abundância de riscos”¹⁹.

A força da análise feita por Beck, acerca da realidade do risco estabelecido pelos governos, pode ser constatada a partir da gestão da pandemia do coronavírus em vários países. O Brasil sentiu na pele e no coração os efeitos da negação e da negligência dos riscos inerentes à pandemia. Os pobres, sem dúvida, foram os mais atingidos por suas diversas sequelas: mortes, internações, desemprego, crise econômica, desespero... Tudo potencializado por uma gestão de riscos desastrosa e absurdamente cega e surda diante dos apelos médico-científicos. Não cabe discorrer aqui sobre os

¹⁵ SPINK, 2001, p. 1280.

¹⁶ BECK, Ulrich. *Risck society*. Towards a New Modernity. London: Newbury Park; New Deli: Sage Publications, 1993, p. 34.

¹⁷ BECK, 1993, p. 34.

¹⁸ SPINK, 2001, p. 1282.

¹⁹ BECK, 1993, p. 35.

efeitos deste modelo de governo, acreditamos existirem análises mais precisas do que aquela que se pode realizar neste artigo. Entretanto, gostaríamos de deixar registrado, através da exposição deste cenário, o modelo desastroso e perigoso de gestão de riscos que vivenciamos. Poderíamos ainda indicar outros exemplos de como a previsão acerca dos perigos de um futuro desolador, não apenas para o Brasil como para o mundo, tocam nosso presente: a crise ecológica, a situação dos imigrantes, o flagelo da fome etc.

Beck também aponta para a gestão do risco como uma tentativa que, baseada num otimismo fútil, almeja antecipar o que não pode ser antecipado²⁰. A ambivalência do risco estipula sua presença nos modos de governo e de existência da modernidade. Contudo, estar em risco global é a condição humana no século XXI²¹. As consequências desta percepção podem ser sentidas na produção de novas fronteiras de conflito que determinam a maneira de viver de cada um. Por sua vez, as instituições - políticas, econômicas, militares ou, até mesmo, religiosas - responsáveis em avaliar os riscos que permeiam a sociedade, esbarram constantemente nas limitações e inseguranças de seus próprios julgamentos. Esse panorama contribui para a emergência, por necessidade, de uma individualização marcada pela incerteza provocada pelas falhas dos sistemas especializados em gerenciar os riscos²².

A palavra risco é utilizada quando se pretende alertar para as possíveis consequências negativas advindas do futuro e causadas por uma enorme gama de processos e fenômenos²³. A atual concepção aprofundou o sentido de um porvir associado à possibilidade de perdas e perigos. Evidentemente, esta análise possui sua importância para o governo do cotidiano social e para a prevenção e/ou superação das dificuldades, conforme atestamos ao citar o exemplo da gestão desastrosa a respeito do risco da pandemia em nosso país. Todavia, devemos destacar que esse movimento também pode resultar numa tentativa de negociar ou colonizar o

²⁰ BECK, Ulrich. Living in the world risk society. *Economy and society*, London, v. 35, n. 3, p. 329-345, ago 2006, p. 329.

²¹ BECK, 2006, p. 330.

²² BECK, 2006, p. 336.

²³ BRÜSEKE, Franz Josef. Risco e contingência. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 22, n. 63, p. 71.

futuro²⁴. Desfiam-se as possíveis tramas do futuro, contudo, por mais sofisticadas que as técnicas pareçam, não é possível desvelar com nitidez as surpresas inerentes aos próximos instantes da existência. Será neste horizonte hermenêutico que, por nossa vez, compreenderemos o risco como aventura. Portanto, quando, neste artigo, articularmos o conceito de risco, não nos referimos à forma contemporânea de risco controlado tão presente em nossa sociedade. Desejamos, sim, salientar, que nos deparamos constantemente com aspectos não aprisionáveis da existência. Com nossa total falta de controle diante dos caminhos da vida, apesar de nossas ansiosas tentativas de retê-la. Reconhecemos que, apesar de todo esforço para prevê-lo, o futuro permanecerá sempre um mistério.

O conceito de risco: aspectos teológicos

O atual ambiente epocal, com sua necessidade premente de segurança, procura ansiosamente por certezas absolutas que consigam resolver questões essenciais da existência como o amor ou a felicidade²⁵. O desejo, no fundo, é eliminar ou, ao menos, minimizar os riscos da vida. Para isto, incorre-se na busca desenfreada por respostas que sedimentem um caminho tranquilo, pacífico e, possivelmente, esterilizado. O resultado pode ser visibilizado nas fórmulas pasteurizadas de estilos de vida, com suas aparências adocicadas e preços amargos.

Também é possível encontrar uma tentativa de domesticação dos riscos nas instituições religiosas mais tradicionais. Nelas, podemos encontrar, com frequência, um olhar fixado para seguranças doutrinárias e concepções estáticas de Deus que acabam por transformar a fé em uma ideologia²⁶. É necessário deixar claro que não queremos, com esta afirmação, deslegitimar a importância das instituições para a transmissão e manifestação da fé. Sua relevância é indiscutível. Intencionamos, isso sim, demonstrar que certa convicção religiosa, por seu excessivo apego às zonas de conforto, pode ser

²⁴ GUZZO, 2005, p. 143.

²⁵ GESCHÉ; SCOLAS, 1997, p. 9.

²⁶ MIRANDA, Mario de França. Reforma eclesial e mística da fé. *Atualidade Teológica*. Rio de Janeiro, v. 21, n. 55, p. 154-170, jan/abr 2017, p. 157.

devorada pelo embotamento místico e pelo conseqüente cinismo existencial. Logo, a exposição, ainda que mínima, destes cenários tem a intenção de apontar para o perigo que pode estar à espreita na busca por seguranças. Não é por acaso que deparamos com o grande crescimento, até mesmo entre os jovens, das religiosidades fundamentalistas e sua constante e consciente assimilação aos ambientes políticos e decisórios da sociedade.

O que interessa, no fundo, é a manutenção de um possível, porém frágil, estado de conforto existencial imutável, a partir de uma perspectiva que não admite o questionamento, a dúvida ou a incerteza. É sintomático que, na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (EG), o papa Francisco convide a Igreja a largar os medos e as falsas proteções:

Mais do que o temor de falhar, espero que nos mova o medo de nos encerrarmos nas estruturas que nos dão uma falsa proteção, nas normas que nos transformam em juízes implacáveis, nos hábitos em que nos sentimos tranquilos, enquanto lá fora há uma multidão faminta e Jesus repete-nos sem cessar: “Dai-lhes vós mesmos de comer” (Mc 6, 37) (EG n. 49).

Um Deus que se arrisca

É preciso dar um passo atrás para nossa análise teológica. Na verdade, vários passos. Conforme assinalamos, neste artigo, ao assumirmos a palavra risco, ainda que reconheçamos sua dimensão de perigo, buscamos ressaltar o aspecto imponderável da existência principalmente em sua potencialidade positiva. Com isso, não pretendemos inferir ingenuamente sobre questões humanas decisivas, mas procuramos enfocar que, ao final de tudo, a vida é uma aventura.

Então, em que consistem esses passos para atrás? Para a reflexão teológica, o ser humano está voltado constantemente para um mais além. Depara-se com uma alteridade original que lhe antecede e que, ao criá-lo, concede-lhe a vida e potencializa sua liberdade. De tal forma que a fé cristã não está no acolhimento de ideias, doutrinas ou pronunciamentos magisteriais, por mais belos e corretos que pareçam, mas está na abertura confiante a um Deus que se entrega. No entanto, estamos acostumados a

pensar Deus a partir de categorias filosóficas bem determinadas: ser infinito, onipresente, imutável, eterno, onipotente, transcendente etc. Essas categorias contribuem para corroborar a compreensão acerca da contingência humana e manifestar sua percepção histórica a respeito do mistério que lhe cerca. Porém, como toda palavra a respeito de Deus, elas precisam ser constantemente corrigidas e situadas²⁷.

Isto posto, podemos considerar pertinente a afirmação de que, no universo teológico, Deus, a partir da criação, é o primeiro a assumir e penetrar no horizonte do risco da existência. Sim, caro(a) leitor(a), você leu corretamente. Deus, ao criar o universo, incorre na dinâmica do risco, com todas as implicações que isto possa representar: o risco da história da liberdade humana com suas contradições; o risco da vulnerabilidade do amor que se entrega incondicionalmente e vive a esperança de ser aceito; o risco de sofrer - afinal, Deus é afetado por nossos sofrimentos²⁸. E, de forma ainda mais radical, a partir da encarnação do Verbo, o risco de assumir nossa humanidade em tudo, exceto no pecado, experimentando as felicidades e vicissitudes desta existência.

Esta percepção do risco assumido por Deus só é possível quando nos abrimos aos traços divinos apresentados pela revelação bíblica. Com efeito, esse risco está no apelo que reside na própria liberdade humana que, chamada a assumir sua responsabilidade criadora, percebe-se desafiada constantemente pelo acaso da existência²⁹. Neste sentido, o risco deve ser entendido como uma necessidade indireta da ação criadora divina, visto que, apenas na liberdade, é possível que o ser humano viva sua autonomia criativa, solidária e responsável diante do mundo. Deus foi o primeiro a incorrer no risco e, assim, a experiência de fé, por mais que tente, não pode distanciar-se deste horizonte em busca de cômodas seguranças.

²⁷ MIRANDA, Mario de França. *Vislumbres de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2019, p. 74.

²⁸ MIRANDA, 2019, p. 78.

²⁹ SEGUNDO, Juan Luis. *Que mundo? Que homem? Que Deus?* São Paulo: Paulinas, 1995, p. 236.

O risco da fé

No campo da teologia cristã, o conceito de risco permeia o amplo horizonte que circunda a vocação para a liberdade inerente à fé e ao mistério que lhe abraça. De tal forma que:

Acolher na fé e na vida o amor gratuito de Deus no leva a fazer de nossa vida uma aventura, porque Deus é e será sempre mistério para o ser humano que jamais pode abarcá-lo num conceito, mas que pode ser encontrado no próprio caminhar da vida de fé³⁰.

Ao utilizar a palavra fé temos consciência da polissemia de contextos e significados que podemos extrair desse vocábulo. Contudo, quando mencionamos o termo, queremos nos referir ao sentido de fé que brota do livre acolhimento da força transformadora de Deus no coração do ser humano. Arriscamos, portanto, aproximar-nos de uma compreensão que lança suas raízes na própria vida do crente, sobretudo no interior das decisões existenciais mais dramáticas e, muitas vezes, mais solitárias.

Escolher este aspecto tem a intenção de distanciar-nos dos espaços dominantes do discurso habitual sobre a fé, mesmo que reconheçamos seu influxo e importância. Procuramos, assim, evitar as estruturas discursivas que conferem à fé, por seu aspecto sociocultural e religioso, a aparência de mais uma segurança entre outras, e correm o perigo de despojá-la de sua dimensão relacional e de seu real impacto na existência e na liberdade de quem crê. Essas estruturas acabam, invariavelmente, recaindo nos seguintes cenários: um apego religioso implantado de forma autônoma em redes fora de seu controle; ou uma religiosidade que flutua em seu próprio universo sem enraizamento histórico³¹. Deste modo, a fé cristã vai sendo diluída em expressividades difusas que fornecem apenas subsídios para a manutenção de determinado *status quo* cultural e social. Trata-se de uma fé pautada na certeza da própria argumentação. Ou seja, uma fé que não atravessa o deserto, que ignora as lágrimas do Horto das Oliveiras, que nunca experimenta o desamparo ou o abandono³².

³⁰ MIRANDA, 2017, p. 157.

³¹ ROUET, Albert. *L'étonnement de croire*. Paris: l'Atelier, 2013, p. 99.

³² ROUET, 2013, p. 102.

Ao vincular a fé cristã ao conceito de risco, reconhecemos que ela está baseada em outra lógica: “uma lógica que ofende, escandaliza e enlouquece a epistemologia comum, mas que não se trata de apagar ou iludir”³³. A fé constitui, *per si*, um espanto diante do advento de uma pessoa, de um alguém³⁴. Insere-nos numa dinâmica relacional que interpela, surpreende e chega ao coração. Ela subverte os padrões do senso comum, sejam eles culturais, familiares ou religiosos, e toca o cerne de nossa existência. Descortina um horizonte sempre novo, desinstalando-nos de nossas cômodas certezas e propondo-nos uma constante *metanoia*.

Fé e mistério

Há outro aspecto da fé cristã que corrobora o convite ao risco: sua dimensão misteriosa. Devemos, portanto, ressaltar que ao utilizar tal termo nos aproximamos da compreensão de que o “mistério de Deus não é desvendado pela revelação de Deus, mas na verdade confirmado”³⁵. Ou seja, apesar de todas as afirmações que possamos encontrar no magistério eclesial, mesmo se levarmos em conta os tratados teológicos, suas reflexões profundas e até mesmo este pequeno texto de teologia duvidosa, para o cristianismo, “o mistério permanece mistério eternamente”³⁶.

Tais afirmações não possuem a intenção de nos acomodar diante da sedução do mistério. Ao contrário: o mistério de Deus é um convite à eterna novidade de sua descoberta. Ele se apresenta e se oferece constantemente, encharcando nossa existência com sua proximidade e profundidade radical. Podemos vislumbrá-lo na beleza silenciosa de uma igreja vazia, nas estrelas que pontilham o céu noturno, no sorriso das pessoas amadas ou no cuidado de uma mãe que se levanta, ainda sonolenta, no meio da noite, enquanto todos dormem, apenas para olhar e cuidar de sua filha recém-nascida. Experimentamos o mistério, não como uma substância, mas como uma companhia que respeita os altos e baixos de nossa caminhada, permanecendo discretamente ali ou, talvez, acolá.

³³ GESCHÉ; SCOLA, 1997, p. 142.

³⁴ ROUET, 2013, p. 95.

³⁵ MIRANDA, 2019, p. 66.

³⁶ RAHNER, Karl. *Escritos de Teologia*. Tomo V. Madrid: Taurus, 1964, p. 14.

Neste sentido, a fé consiste no espanto da descoberta diante da manifestação desse mistério. Ela nos faz sintonizar com a sinfonia emanada por ele e que preenche, com sua harmonia, todos os recônditos de nossa existência. Impede o fechamento do ser humano em sua finitude e lhe abre, como perspectiva, o horizonte infinito de Deus. O humano descobre-se como o *finitum capax infiniti*.

Mas não cabe à fé apenas a descoberta do mistério. Ela também consiste, simultaneamente, na resposta. Se o mistério nos convida, insistentemente, à aventura de sua descoberta, a fé ecoa esse convite em nosso âmago e impele-nos à sedução arriscada do mergulho neste desconhecido tão próximo. Logo, podemos até mesmo refutar as tematizações simbólicas utilizadas para expressar sua realidade, reconhecendo que estas são insuficientes, incompletas e imperfeitas. Todavia, ainda que se tente, não é possível permanecer alheio ou indiferente diante de sua irrupção.

A dinâmica relacional da fé vai sendo descortinada através do elã estabelecido entre a descoberta do mistério e a resposta humana. A fé sempre será uma resposta dada a uma interpelação anterior. Consiste, portanto, num “eis-me aqui” tímido e muitas vezes irrefletido, mas livre e permanentemente cercado de confiança, incertezas e medos diante de uma alteridade igualmente livre e imanipulável. Aliás, ao correr o risco da fé, não são as certezas argumentativas que nos sustentam, mas, simplesmente, uma palavra, que, ao ecoar o mistério, se expressa através da presença que reverbera na existência e confirma sua promessa. Esta palavra, oferecida desde toda eternidade, irrompe de maneira surpreendente na vida de Jesus de Nazaré, conferindo densidade e sentido histórico à resposta humana.

O risco da liberdade

Acenamos anteriormente que a liberdade humana é um risco assumido por Deus na criação. Agora, gostaríamos de recuperar esta afirmação por seu outro aspecto: a liberdade é um risco querido por Deus e vivido pelo ser humano. Com efeito, poucas temáticas foram tão abordadas por tantas ciências, incluso a teologia, como a liberdade. No entanto, poucos assuntos permanecem tão abertos ao debate. Não nos interessa, neste momento,

realizar uma resenha histórica sobre tais reflexões, até porque não seria possível. Procuraremos, entretanto, indicar alguns caminhos sinuosos por onde nossa liberdade, quando atingida pela fé cristã, é alcançada pelo risco. Aliás, mesmo que não queiramos admitir, o risco é seu acompanhante contínuo e permanente.

Para o cristianismo, a liberdade humana está totalmente implicada na dimensão soteriológica de seu anúncio. É em seu horizonte que a comunhão salvífica oferecida por Deus é acolhida ou rejeitada. O que, dependendo da abordagem, já constitui um risco em si. Não é por acaso que, apesar do enorme apelo que a liberdade suscita, ao longo da caminhada histórica do cristianismo, esse tema, em certos discursos, tenha sido tratado com tanto receio. De tal forma que a liberdade humana e a ação divina foram consideradas, invariavelmente, durante algum tempo, como forças que rivalizavam entre si³⁷. Entretanto, ao conceber tal rivalidade, a vivência da liberdade - e, conseqüentemente, o ser humano - era despojada de sua potência criadora e compreendida como algo perigoso. Para alguns, sua periculosidade era tão evidente que foi até mesmo concebida a ideia de que seria melhor que Deus a tivesse suprimido³⁸.

Não obstante os receios encontrados, a liberdade está fundamentada no próprio ato criador divino. Com efeito, modelado à imagem e semelhança de um Deus criativo e livre, o ser humano é capaz de escutar a interpelação divina e, no coração de sua liberdade, respondê-la³⁹. Esta realidade responsiva, desvelada pela teologia da criação, fundamentará o desenvolvimento, no interior do cristianismo, do conceito de pessoa. Afinal, a revelação cristã apresenta um ser humano valorizado em sua dignidade e chamado a responder, a partir da fé que repercute na vida, à interpelação de Deus.

Existe, portanto, no cristianismo, a certeza de que a liberdade constitui um dinamismo próprio do ser humano. De tal modo que o “ser

³⁷ MIRANDA, Mario de França. *A salvação de Jesus Cristo*. A doutrina da graça. São Paulo: Loyola, 2004, p. 89.

³⁸ MIRANDA, 2004, p. 95.

³⁹ RÚBIO, Alfonso García. *Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs*. São Paulo: Paulus, 2001, p. 165.

humano não apenas tem liberdade, mas é liberdade”⁴⁰. Este dinamismo vai sendo construído a partir de suas ações livres e conscientes, reverberando diretamente em sua existência e definindo, pelos traços delineados, sua própria identidade, consolidando-se no interior de uma relação verdadeira com Deus e, conseqüentemente, consigo mesmo e com o próximo.

Neste sentido, Deus é o próprio fundamento da liberdade humana. Seu agir consiste em libertar a liberdade (Gl 5, 1), fazendo com que assumamos, de maneira positiva e amadurecida, os riscos dessa libertação. A afirmação de que Deus fundamenta nossa liberdade só pode ser compreendida no âmbito de seu amor. Sem dúvida, porque é amor - e como o amor sempre implica riscos - Ele permite e deseja um ser humano capaz de dar uma resposta livre e responsável. Assim, apenas quando corre, livremente, o risco de abrir-se às interpelações que o amor, vivido na solidariedade, no perdão e na busca pela justiça, suscita é que o ser humano poderá descobrir-se verdadeiramente livre e feliz. Admitir tais riscos pode gerar certo desconforto, alguma ansiedade e, possivelmente, determinadas inseguranças. Esses são sentimentos que, muitas vezes, perpassam a fé, a existência e, por conseguinte, a liberdade e revelam-se genuínos e compreensivos. Entretanto, na tentativa de evadir destes espaços desconfortáveis, muitas vezes, se recai na preferência pela escravidão em diversos níveis e contextos, desde que esta ofereça respostas reconfortantes e seguranças plausíveis para os questionamentos que surgirem⁴¹.

A fé emerge, então, como a resposta humana que supera a paralisia do medo, inserindo o ser humano no dinamismo da liberdade fundamentada em Deus. Talvez, inicialmente, sem a compreensão dos riscos inerentes a essa resposta; mas, pela atuação do Espírito Santo, capaz de corresponder, cada vez um pouco mais, a seus apelos. Ela ressoa no desejo de existir, de amar e ser feliz, de encontrar a própria autenticidade e superar a solidão que nos espreita. Impulsiona a seguir sempre em frente e perceber, com humildade, que será nos tímidos rabiscos esboçados pelo caminho da existência que encontraremos os rastros do mistério que nos cerca.

⁴⁰ MIRANDA, 2004, p. 90.

⁴¹ SEGUNDO, 1995, p. 347.

Por isso a fé, ainda que possua dimensão misteriosa, não é uma realidade meramente *noética*. Tampouco se fecha numa interpretação intelectualizada e subjetiva da revelação divina. Ela está voltada para o mistério de amor que é Deus e só no amor encontra seu sentido. A fé que impulsiona a liberdade nos introduz ao risco de amar e, portanto, de sermos vulneráveis. Essa vulnerabilidade nasce quando abdicamos de nossas certezas e seguranças, quando largamos mão das zonas de conforto para assumirmos, com a confiança que só a experiência do amor de Deus pode fornecer, os riscos inerentes à sensibilidade diante da beleza e da contradição da vida.

Logo, a liberdade humana não encontrará na fé soluções pré-fabricadas. Ela será convocada a tomar decisões e assumir os riscos que isso significa, construindo-se a partir da criatividade, da coragem e do discernimento. É exatamente nesse risco que reside a vocação cristã para a liberdade: “Somos criadores de nossa vida sexual, de nossa vida sentimental, de nossa vida de oração, de nossa vida econômica, social e política. Deus cria criadores”⁴². É evidente que este cenário, a princípio, não se assemelha a algo aconchegante. Muito pelo contrário. Contudo, lembremos que, pela fé, acreditamos que Deus não está indiferente às nossas decisões. Ele se situa exatamente no interior delas, potencializando a liberdade que funda nossa humanidade. Faz-se presente nas decisões mais simples ou nas mais dramáticas, não como juiz implacável e sedento por condenações, mas como dinamismo amoroso que ilumina, guia e fortalece para os embates necessários.

A fé cresce na medida em que é vivida e compartilhada⁴³. Sendo a percepção e a resposta dada à irrupção do evento salvífico na vida das pessoas, ela atinge o coração da existência e convida a romper com o medo do risco e a ousar jogar com a falta de garantias⁴⁴. Nesse convite, percebemos que a resposta humana não está dada de maneira estática ou jurídica, mas vai sendo construída enquanto existe. Tal construção ocorre na liberdade e encontra, numa vida voltada para a criatividade do amor, sua expressividade

⁴² VARILLON, François. *Crer para viver*. Conferências sobre os principais pontos da vida cristã. São Paulo: Loyola, 1991, p. 244.

⁴³ BENTO XVI. *Carta Encíclica Deus Caritas Est*. São Paulo: Paulinas, 2005, n° 7.

⁴⁴ GESCHÉ, 1997, p. 147.

e seu sentido. Sem o amor, os caminhos abertos podem significar escravidão ou anseio por segurança e justificação⁴⁵. Apenas quando compreendemos que há uma vinculação íntima entre liberdade e amor é que conseguimos alcançar verdadeiramente o essencial da fé.

Precisamos enfatizar que o cristianismo conduz o ser humano à autorrealização na mesma medida que o contradiz e insere numa existência de risco. Aceitar esse dinamismo nos impede de colonizar a fé e cair na tentação de definir seus limites e seu porvir. Ao admitirmos a presença da dinâmica do risco, somos convidados a rasgarmos os medos e nos retirarmos de nossas instalações seguras. Isto exige uma tomada de atitude diante da vida, da cultura, da sociedade e de um futuro que permanece constantemente aberto.

O risco da cruz

Sabemos que a cruz de Cristo é consequência de sua maneira de viver e do anúncio do Reino de Deus que realizava. Durante seu ministério, Jesus não se esquivou dos riscos que emergiam da rejeição, cada vez mais evidente, que sua mensagem causava. Ao contrário, permaneceu firme na fidelidade radical à sua experiência de Deus, mesmo quando sua vida estava ameaçada. Sua fé, vivida numa entrega total, foi seu sustento e seu refúgio, principalmente nos momentos em que experimentou a solidão e o abandono até mesmo de seus amigos mais próximos. Em todos os momentos buscava enxergar a vontade do Pai, perseverando até o final, mesmo quando este fim se revelou de forma tão trágica e violenta.

Esta reflexão não estaria completa sem abordar o maior sinal do risco assumido por Deus: a cruz. Ou não estaria na cruz, com sua imagem de um Cristo ferido e coberto de sangue, a revelação de um Deus que contradiz todas as falsas seguranças que possamos construir ou que insistentemente buscamos? Não seria a cruz, conforme nos mostra a vida de tantos cristãos e cristãs, anônimos ou não, o risco constante de uma existência pautada na liberdade que é expressa no amor? Poderíamos até mesmo tentar substituir a palavra cruz por outro termo mais brando como martírio, entrega,

⁴⁵ SEGUNDO, 1995, p. 346.

testemunho... mas não seriam estas palavras apenas outras formas de viver a cruz? Queremos, portanto, trazer à superfície as diversas cruzes que, para além da fé cristã, são assumidas por tantas e tantos no dia a dia da existência. Consideramos, por exemplo, como cruz cotidiana todos aqueles que submetem a própria vida ao risco de atravessar a cidade do Rio de Janeiro, ou qualquer outra cidade, em um transporte público lotado e deficitário, durante uma das pandemias mais mortais da história, porque é necessário manter o sustento mínimo da própria família.

O risco, mais do que um conceito intelectualmente estabelecido - ou teologicamente, como aqui tentamos - é uma realidade existencial e dolorosa na vida de milhões de pessoas. No Brasil, ainda nos deparamos com o risco de não ter água nem comida, não ter moradia, não ter a quem amar, que atravessa o cotidiano de homens, mulheres, crianças ou idosos. Tampouco devemos nos abster de apresentar o risco de ser agredido - ou até mesmo morto - por assumir sua sexualidade, por demonstrar na pele sua descendência ou por tentar vivenciar sua religião. Por isso, o convite ao risco não pode permanecer alheio diante de desigualdade e marginalizações que atravessam a sociedade. Fazer isto seria fixar lugar nas seguranças estabelecidas através do mesmo distanciamento neutro que encontra morada em tantos discursos.

A fé, quando compreendida como risco, implica a existência cristã no horizonte que abarca, necessariamente, a possibilidade da cruz. Não apenas enquanto morte definitiva, mesmo que essa esteja inclusa como probabilidade, mas enquanto opção concreta pelo seguimento de Cristo que se manifesta na solidariedade. Neste ponto, não falamos de qualquer risco, mas daquele que rompe com as certezas ordinárias e brota de uma orientação existencial profunda voltada para a liberdade e para o amor. Liberdade e amor capazes, até mesmo, de assumirem, para além dos riscos, a cruz dos insignificantes sociais, daqueles que não têm seus nomes estampados nas notícias, dos que choram anonimamente a perda de seus entes queridos, dos que são agredidos diariamente por uma estrutura que lhes nega o mínimo necessário para sobreviver e ter dignidade. A fé cristã é expressa, de maneira

mais autêntica, quando torna-se visível através de uma vida consagrada à justiça e à solidariedade.

Há nessa dinâmica outro risco. Já o assinalamos indiretamente, mas gostaríamos de nos deter sobre ele. A luta pela justiça exige a compreensão de que é preciso encontrar soluções que modifiquem as estruturas de exclusão e marginalização que alicerçam nossa sociedade. Deparar-se com esta exigência, entretanto, questionará, profundamente, nossos privilégios e comodidades sociais. Neste ponto, o silêncio ou a omissão, por conformismo ou receio, incorrerão na falta de coerência entre o que dizemos acreditar e aquilo que vivemos. Não seremos realmente livres se não trabalharmos pela libertação dos outros. No entanto, libertar os outros conduz, invariavelmente, ao questionamento da própria escravidão. Sem correr o risco de colocar em questão, de forma lúcida, as escravidões - sociais, familiares, religiosas - que nos impedem de enxergar com clareza e discernimento os apelos daqueles que sofrem, não poderemos realmente ser livres.

O conceito de risco: aspectos eclesiais

O risco sempre foi um companheiro da comunidade eclesial desde seus primeiros anos. Para constatar esta afirmação, basta lembrar o testemunho dado pela Igreja primitiva, que enfrentou perseguições e atravessou por sofrimentos durante séculos. Também é preciso citar a coragem dos padres patrísticos ao estabelecer diálogo com a cultura de seu tempo, apresentando o cristianismo através da utilização dos conceitos filosóficos gregos. Houve também o perigo do comodismo, da assimilação às estruturas de poder, do fechamento em si, que podemos perceber em diversos momentos da peregrinação eclesial. São séculos de diálogos estabelecidos e desafios confrontados em sua tentativa de permanecerem sempre fiéis à sua vocação missionária.

Mais recentemente, é comum o entendimento que o Concílio Vaticano II optou por assumir diversos riscos. Entre eles, citamos alguns: o risco de abrir a Igreja ao diálogo com a sociedade (GS n.1) e reconhecer nos valores sociais a ação de Deus (GS n.34). O risco de admitir que Deus pode agir

através de outras tradições religiosas cristãs (LG n.15) ou não cristãs (LG n.16), e valorizar todos os batizados como protagonistas eclesiais (LG n.30). Todavia, para incorrer nesses riscos, antes foi preciso que o Concílio reconhecesse, a partir da sacramentalidade eclesial, que não é o mundo que está na Igreja, mas a Igreja no mundo (LG n.1).

Dentro deste impulso, é inegável que alguns desafios foram assumidos pela Igreja. Aqui, na América Latina, sobretudo mediante as conferências episcopais e através da utilização das ciências sociais, as desigualdades existentes na sociedade foram enxergadas e denunciadas. A pobreza foi encarada como pobreza. Sem espiritualizações ou amenizações teológicas. Atitudes foram tomadas. Pastorais que correspondessem às diversas situações foram criadas. Teologias foram desenvolvidas. A Igreja procurou estar ao lado dos marginalizados, defendendo suas vidas e seus direitos. Evidentemente isso não foi vivido sem dor e, mesmo no interior dos ambientes eclesiais, tal postura foi vista com desconfiança e ceticismo. Esta consciência está ligada à retomada realizada pelo Vaticano II da profunda vinculação entre a missão de Cristo e a missão da Igreja.

A comunidade cristã recuperava seu laço com os pobres. Esse vínculo sempre esteve presente na história eclesial, porém apresentava marcas de certo esquecimento, relegado ao nível assistencialista de algumas instâncias e ordens religiosas. Não era possível para a Igreja negar o desafio da pobreza, mas sua dura realidade ficava adornada com diversas visões espiritualistas que, muitas vezes, coadunavam-se com interesses de determinado *status quo* dominante. As conferências episcopais denunciaram, com contundência profética, tal realidade. Essas denúncias ecoaram nas instâncias eclesiais e repercutiram diretamente nos discursos e incentivos magisteriais, apesar de algumas ressalvas feitas. Temas como justiça, estruturas de pecado, pobreza extrema, defesa da vida, cultura e subcultura foram tomando lugar no interior da vida e da reflexão cristãs. A Igreja quis, com sinceridade, viver o risco de assumir o rosto do pobre. Claro que tropeçou inúmeras vezes nas próprias pernas, mas não se pode fechar os olhos para o esforço hercúleo realizado bravamente por tantos cristãos e cristãs na construção e defesa desse rosto. Grande testemunho de uma opção concreta que, superando os receios

inerentes aos riscos possíveis, foi além do discurso e penetrou na existência, levada pelo sopro suave do Espírito, com força e vitalidade.

A Igreja e o não risco

Contudo, a história segue seu rumo e outros desafios são acrescentados. Novos paradigmas socioculturais surgem constantemente. Novos areópagos, interlocutores, configurações sociais, fragmentação, secularização... novos riscos! A Igreja percebe-se desafiada permanentemente e isso, muitas vezes, acaba gerando em seu interior posturas inseguras e receosas que desembocam no fechamento ao diálogo e na recuperação de uma mentalidade que, voltada para si, vive o saudosismo perigoso de enxergar num passado determinado sua chave de leitura eclesial. Trata-se do risco de viver o não risco.

Conforme assinalamos anteriormente, o conceito de risco versa sobre a perspectiva de que o futuro, construído no presente, permanece sempre aberto e incontrolável. Para vivê-lo é preciso abdicar das seguranças ordinárias e admitir a possibilidade do desconhecido. Neste sentido, o não risco eclesial consiste na dificuldade de dialogar com o presente, por estar constantemente voltado para um passado de segurança, conforto e poder. Ao avesso do que alardeia, constitui uma ameaça ao próprio desenvolvimento da missão eclesial, reverberando até mesmo em sua identidade, uma vez que enxerga o presente como um cenário perigoso e almeja um futuro que apenas repita seu passado. No não risco não há abertura, diálogo, coragem, questionamentos, saída, acidente ou mistério. Tudo está definido, estável, seguro, extático e imposto. A Igreja já está determinada e límpida. As respostas estão prontas. Basta-nos apenas a submissão tácita diante de sua realidade. O Espírito Santo fala daquilo que queremos ouvir. Os profetas são palacianos e empolados. O cristianismo domesticado.

Em seu ministério, o papa Francisco tem confrontado constantemente a tentação do não risco. Ao pedir uma Igreja em “saída” e até mesmo “acidentada”, ele tem interpelado o discernimento acerca da missão e da identidade eclesial a partir do abandono das próprias comodidades (EG n.20). Isto implica correr riscos, questionar costumes e compreensões tradicionais,

ousando experimentar reconfigurações e renovações que possibilitem uma vivência eclesial capaz de anunciar o Evangelho em qualquer contexto social, cultural ou existencial. Nesse movimento de abertura ao presente, olhar para o passado não incide na tentação de prender-se a ele, mas consiste em fazer *anamnese* do constante impulso renovador de Deus no seio da Igreja. De tal modo que, ao “voltar à fonte e recuperar o frescor original do Evangelho, despontam novas estradas, métodos criativos, outras formas de expressão, sinais mais eloquentes, palavras cheias de renovado significado para o mundo atual” (EG n.11).

Da mesma forma que o risco é parte constitutiva da fé cristã, ele desponta como dimensão inerente à vida e à missão da comunidade eclesial. Sem correr riscos não é possível para a Igreja testemunhar o Evangelho. No entanto, para que isto ocorra é necessário que a Igreja perceba que, em primeiro lugar, está o primado da ação de Deus no interior da história. Apenas no reconhecimento do mistério que lhe impulsiona e na subsequente entrega confiante à promessa de que a Igreja sempre estará sob seus cuidados é que a comunidade eclesial poderá “manter a alegria no meio de uma tarefa tão exigente e desafiadora” (EG n.12).

Considerações finais

A experiência do risco supõe uma compreensão da profundidade que significa a caminhada humana diante do futuro que se apresenta. Sua presença interpela e impulsiona a criatividade e a liberdade do ser humano na superação dos desafios que despontam. Não é possível, conscientemente, fugir de sua proximidade, ainda que tentemos nos esconder atrás das promessas de seguranças que a sociedade precisa nos oferecer. Sim, precisa. É imperativo que tenhamos segurança, em diversos níveis, para nosso desenvolvimento social e pessoal. A gestão do risco social é importantíssima e quando ela é negligenciada são exatamente os estratos mais pobres que são afetados. Essa gestão não conseguirá domesticar o futuro, contudo, pode ajudar-nos a viver um presente mais cômico de suas obrigações. Assim,

emerge a possibilidade de uma construção que, por ser mais consciente, pode originar uma sociedade mais justa e solidária.

Quando aplicado ao cristianismo, além do inerente alcance social de sua manifestação, o risco atinge o contexto existencial. Entretanto, ele não consiste num simples ato de jogar os dados ao acaso. Assumi-lo só pode acontecer num ambiente de fé amadurecida, que desemboca na entrega confiante da própria liberdade diante da eterna e livre novidade de Deus. É possível que nossa entrega não nos conduza a riscos como o de Abraão, ao deixar sua terra, sua família e seu lar para seguir em busca de uma promessa. Tampouco os vividos por Inácio de Loyola, Francisco de Assis ou Madre Teresa de Calcutá. Mas, certamente, temos consciência dos riscos que incorremos ao responder - com medo, é verdade - aos apelos deste mistério de amor que nos toca. Talvez o risco de uma vida mais sóbria, mais solidária, mais coerente. Quem sabe o risco de construir uma Igreja mais humana, mais fraterna e menos clerical. Ou mesmo largar um pouco de nosso conforto sociocultural para empreender uma conversão estrutural em nossa sociedade, que seja capaz de acolher e cuidar de seus marginalizados e excluídos. Por outro lado, se a luta pela justiça social ainda é um risco distante, existem outros mais próximos como a superação do machismo, com suas seguranças masculinas bem definidas, e do racismo, em suas diversas manifestações. Indubitavelmente, o horizonte permanece constantemente aberto para a construção criativa da resposta de nossa liberdade às interpelações que partem da experiência do amor de Deus. Cabe-nos, neste contexto, aprender com Deus, sem tentar prendê-lo conosco.

Atualmente convivemos diariamente com a incerteza do amanhã. A pandemia trouxe à tona a fragilidade de nossas seguranças e estruturas. Fomo inseridos numa espiral de dúvidas, medos e promessas vazias. Os efeitos deste cenário devastador podem ser percebidos nas díspares reações que emergiram na sociedade: a consolidação de discursos e governos extremistas, o ruído constante dos rumores antissociais, a solidificação de uma religiosidade fundamentalista, a fragilização da saúde mental etc. Por outro lado, no interior desse cenário, também podemos contemplar o risco assumido por tantas pessoas, em diferentes lugares e situações, a partir da criatividade de

diversos atos concretos de solidariedade e carinho: jovens que se ofereciam para fazer as compras para seus vizinhos mais idosos; uma cesta de comida ofertada através de uma corda; grupos que se organizaram para tentar minimizar os efeitos da fome na vida de outras pessoas, entre tantos outros exemplos... Nestes atos criativos e livres movidos unicamente através do apelo do amor, podemos visibilizar, ainda que não seja explicitada conscientemente, a atuação deste mistério que nos cerca. Mistério que, ao interpelar a liberdade humana, a conduz ao encontro da vivência do amor, da experiência da felicidade e da plenitude através dos pequenos gestos cotidianos - porém mais significativos - de solidariedade, compaixão e empatia.

Por nossa vez, acreditamos que a fé cristã, por ser expressividade consciente do mistério, nos convida a não evadir dos riscos inerentes à criatividade que brota do amor. Ela nos convida a empreender, com confiança e coragem, os meios humanos necessários e possíveis para a cura de tantas mazelas que nos afligem, sejam elas novas ou antigas. Sem fazer apologia à desgraça, mas comprometendo-nos, tanto em nível pessoal quanto comunitário, com a vida e com a felicidade de todos e todas, a fé se apresenta como uma grande aventura em que o importante é seguir de perto aquilo que, com sabedoria, fala o poeta Milton Nascimento na canção:

Nada a temer senão o correr da luta
Nada a fazer senão esquecer o medo
Abrir o peito a força, numa procura
Fugir às armadilhas da mata escura.

Referências

BECK, Ulrich. Living in the world risk society. *Economy and society*, London, v. 35, n. 3, p. 329-345, ago 2006.

BECK, Ulrich. *Risck society*. Towards a New Modernity. London: Newbury Park; New Deli: Sage Publications, 1992.

BENTO XVI. *Carta Encíclica Deus Caritas Est*. São Paulo: Paulinas, 2005.

BERNSTEIN, Peter L. *Desafio aos deuses: a fascinante história do risco*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

BRÜSEKE, Franz Josef. Risco e contingência. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 22, n. 63, p. 69-80, fev 2007.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*. In: DENZINGER, H. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações da fé e moral*. São Paulo: Loyola, 2007.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Pastoral *Lumen Gentium*. In: DENZINGER, H. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações da fé e moral*. São Paulo: Loyola, 2007.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2013.

GESCHÉ, Adolphe; SCOLAS, Paul. *La Foi das le temps du risque*. Paris: Cerf, 1997.

GUZZO, Marina. Riscos da beleza e desejos de um corpo arquetizado. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 27, n. 1, p. 139-152, set 2005.

MIRANDA, Mario de França. *A salvação de Jesus Cristo*. A doutrina da graça. São Paulo: Loyola, 2004.

MIRANDA, Mario de França. Reforma eclesial e mística da fé. *Atualidade Teológica*. Rio de Janeiro, v. 21, n. 55, p. 154-170, jan/abr 2017.

MIRANDA, Mario de França. *Vislumbres de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2019.

RAHNER, Karl. *Escritos de Teologia*. Tomo V. Madrid: Taurus, 1964.

ROUET, Albert. *L'étonnement de croire*. Paris: l'Atelier, 2013.

RÚBIO, Alfonso García. *Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs*. São Paulo: Paulus, 2001.

SEGUNDO, Juan Luis. *Que mundo? Que homem? Que Deus?* São Paulo: Paulinas, 1995.

SPINK, Mary Jane P. Tópicos do discurso sobre o risco: risco-aventura como

metáfora na modernidade. *Cadernos Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 6, p. 1277-1311, nov/dez 2001.

VARILLON, François. *Crer para viver*. Conferências sobre os principais pontos da vida cristã. São Paulo: Loyola, 1991.

Trabalho submetido em 28/07/2021.

Aceito em 10/11/2021.

Sérgio Albuquerque Damião

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Email: salbdam@gmail.com